

# AUTO-ESTIMA DE PRATICANTES DE DANÇA PARAFOLCLÓRICA E DE DANÇA DE SALÃO DE COMPETIÇÃO

DRA. ANA MACARA

Faculdade de Motricidade Humana, Lisboa, Portugal

[amacara@fmh.utl.pt](mailto:amacara@fmh.utl.pt)

Mestrando MARCO AURELIO DA CRUZ SOUZA

Centro Universitário de Brusque-UNIFEBE, Brusque, SC, Brasil

[marcoaurelio.souzamarco@gmail.com](mailto:marcoaurelio.souzamarco@gmail.com)

acadêmica TATIANE DE OLIVEIRA MINATTI

## INTRODUÇÃO

O interesse por este estudo surgiu da experiência profissional do pesquisador, e do interesse em comparar os resultados do estudo iniciado no Brasil com os resultados obtidos na pesquisa de campo em Portugal, vindo de encontro com a disciplina de Análise do Comportamento do Bailarino do curso o Mestrado em Performance Artística Dança na Faculdade de Motricidade Humana em Lisboa.

Muitos professores acreditam que com as aulas de dança, podem auxiliar no desenvolvimento de seus educandos e de sua auto-estima, pois de acordo com Taniguchi apud Silva (1997, p.8) “Quando fazemos algo com prazer, mesmo que seja difícil, manifestamos maior força e conseguimos executá-lo bem. Pelo contrário, mesmo uma coisa fácil, se não sentimos prazer, não conseguimos executá-lo a contento”.

Branden (1996), enfatiza em um de seus estudos, que se possuímos a auto-estima elevada, nos sentimos mais equipados para lidar com a vida, desenvolvemos maior criatividade, nos tornamos mais ambiciosos em experimentar situações novas, passamos a manter mais relações saudáveis; nos tornamos mais respeitosos conosco e para com os outros. E ainda, estudos como de Bernardo & Matos (2003) comprovam que de acordo com o nível de nossa auto-estima, nós influenciemos e somos influenciados pelos fatores externos que rodeiam nosso cotidiano, pois segundo Rangel (2002), somos, por conseguinte, indivíduos carentes e adaptáveis ao ambiente que nos cerca, pessoas sedentas em aprender e captar o máximo possível de informações que favoreçam nosso bem estar, que levem à satisfação das necessidades de nossas vidas.

Sendo a dança uma atividade que propicia autoconhecimento, leva ao encontro profundo de si mesmo e suscita o que ela denomina de sentido de ser (BERGE, 1981). Lourenço Filho apud Giffone (1964), afirmou que as danças folclóricas apresentam incomparável valor, visto que conjugam os mais diversos aspectos da vida efetiva. As danças folclóricas e as danças de salão, podem contribuir para o apuro das relações interpessoais, desenvolvimento do espírito comunitário, compreensão de diferentes papéis na vida social (GIFFONE, 1964) e ainda pode levar a seus praticantes importantes valores como físico, social, cultural e recreacional. Neste sentido, sendo a dança uma atividade que pode auxiliar no autoconhecimento e aquisição de uma elevada auto-estima de seus praticantes, formulou-se a seguinte questão de estudo: “Como é a percepção da auto-estima de adolescentes praticantes de dança parafolclórica no Colégio Madre Francisca Lampel de Gaspar (SC - Brasil) e de praticantes de dança de salão de competição da cidade do Porto (Portugal)”?

## OBJETIVOS

- Identificar características pessoais dos praticantes de dança parafolclórica do Colégio Madre Francisca Lampel do município de Gaspar (SC - Brasil) e dos praticantes de dança de salão de competição da Academia Promenade da cidade do Porto (Portugal).

- Verificar a auto-estima na percepção dos praticantes de dança parafolclórica do Colégio Madre Francisca Lampel do município de Gaspar (SC - Brasil) e dos praticantes de dança de salão de competição da Academia Promenade da cidade do Porto (Portugal).

## REVISÃO DE LITERATURA: A DANÇA

Para Rangel (2002), a dança enquanto atividade eminentemente humana, é uma ação incontestável na vida de todas as sociedades e em todos os tempos. Apesar de suas diferenças, o entendimento e a compreensão que se tem da dança, possuem características muito similares entre si, onde o movimento emerge como elemento chave e ponto comum entra as várias definições, mantendo vínculo de ligação entre si. Desta forma, dentre as inúmeras definições encontradas, além de outras já citadas por vários autores, percebe-se uma variedade de aspectos que constituem a dança, sendo que em determinados instantes alguns pontos de vista afluem-se numa concepção única e, em outros, desviam-se por completo um conceito de outro. Essas convergências e divergências ampliam o conceito de dança e indicam a complexidade de uma definição, haja visto que ela encerra uma enormidade de possibilidades plausíveis para a aplicação.

A Dança, então, denota ser um fenômeno em que seus elementos possuem relação entre si e sinteticamente pode ser definida nos seguintes contextos: a dança é a concretização e relação do homem consigo e com os outros, com a natureza e com seus deuses; exteriorização expressiva das emoções, idéias e concepções através de símbolos corporais. Portanto, a dança na escola deve ser aplicada tendo vista a fase cronológica e o nível de desenvolvimento motor dos alunos, bem como a herança cultural do grupo com que se trabalha. Somente a partir da relação com outros movimentos e com outros elementos que dialogam e interferem no trabalho de criação artística em dança é que adquire significado educacional.

Referindo-se às danças folclóricas, Lourenço Filho apud Giffoni (1964) afirmou que apresentam incomparável valor, visto que conjugam os mais diversos aspectos da vida afetiva. Associam a música e o gesto, a cor e o ritmo, o sentido lúdico e utilitário, a graça e os atributos da resistência física e completa: Contribuem para o apuro das relações interpessoais, o desenvolvimento do espírito comunitário, a compreensão de diferentes papéis na vida social. Por seus efeitos criadores e catárticos, podem ser utilizados como instrumento de socialização (GIFFONE, 1964). Além dos valores físico, cultural, recreacional e social que a dança folclórica e de salão podem propiciar, não se pode deixar de citar a importância da ludicidade para crianças e adolescentes em fase de desenvolvimento. Segundo Gertude Kurath apud Portinari (1989, p.268), um dos mais significativos aspectos da dança folclórica está em favorecer a aproximação entre homem e mulher, e que talvez seja um dos motivos pelo qual encontra-se uma grande aceitação por parte dos homens em praticar este tipo de dança. Da mesma forma, situaria as danças de salão, por serem praticadas em pares, facilitando a aceitação de crianças, jovens e adultos do sexo masculino, e que até chegarem a fase competição passam por momentos desta aproximação dos sexos, e contatos com pessoas que buscam e se reconhecem neste estilo de dança. A dança de salão de competição desenvolveu-se a partir da dança de salão social, evoluindo ao nível de espetáculo e, conseqüentemente, fatores adicionais como a qualidade de execução, a interpretação musical e a caracterização passam a ser imprescindíveis e indissociáveis.

Pensando em criar e divulgar a cultura de um povo em forma de espetáculos, é que surgiram os grupos parafolclóricos. A denominação “grupos parafolclóricos” cobre uma grande variedade de situações, com nuances que precisam ser percebidas. Benjamim (2002), coloca que de um modo geral, os grupos parafolclóricos alimentam-se das tradições populares, apropriando-se da sua música, coreografia, indumentária, cenografia e mesmo de seus textos e situações dramáticas. Eles exercem um papel social destacado no processo de educação e de lazer de jovens e, já agora, de adultos e até da terceira idade. O mesmo autor diz que ainda

vale a pena ressaltar que o trabalho de preparação coreográfica para os espetáculos destes grupos leva em conta a exacerbação da indumentária, em detrimento da coreografia original por sua forma mais simples, obtendo um reconhecimento do público favorável. Os integrantes dos grupos parafolclóricos procedem de uma rede social mais ampla, independente de uma relação definitiva, anterior a entrada do grupo. Na sua constituição interna esses grupos possuem uma estrutura organizada constituída por uma hierarquização determinada por graduações de papéis e funções específicas.

## **ADOLESCÊNCIA E AUTO-ESTIMA**

Antes de tornarmos-nos adultos, passamos por uma fase mágica, que chega até difícil de ser definida. Não é apenas um período de rápida alteração física, mas também de transição social e psicológica da infância à idade adulta. Contudo, Papalia & Olds (2000, p.342) afirmam “que a adolescência também é uma época de riscos, quando alguns jovens adotam comportamentos que restringem suas opções e limitam suas possibilidades”.

Tradicionalmente, a adolescência tem sido considerada um período mais difícil que os anos da meninice, tanto para os filhos como para os pais, pois o comportamento adolescente é essencialmente exploratório e não deve ser considerado sem importância porque ajuda o indivíduo a encontrar seu lugar na sociedade (GALLAHUE & OZMUR, 2001).

Estudiosos da psicologia do desenvolvimento humana como Gallahue (2001), Newcombe (1999), Bee (1984), concordam que o desencadeamento da puberdade é o ponto inicial da adolescência, na qual a maturação sexual torna-se evidente. Todas as mudanças associadas a puberdade têm um significado psicológico e social, tanto para os adolescentes, quanto para a sociedade podendo as consequências específicas variarem com a circunstâncias culturais e pessoais (COLE;COLE, 2004). Papalia & Olds (2000), citam que a cognição faz parte do processo do desenvolvimento, por isso não é apenas a aparência dos adolescentes que muda quando comparados com crianças, mas também o seu pensamento é diferenciado, uma vez que são capazes do raciocínio abstrato e julgamento moral mais sofisticado, podendo ter planos mais realistas para o futuro.

Newcombe (1999) descreve que na adolescência além das transformações biológicas e cognitivas, os adolescentes passam por mudanças psicológicas e sociais, delineando quatro principais linhas de mudança. Primeiro, os adolescentes renegociam seu relacionamento com seus pais, estabelecendo mais autonomia do que era possível durante a infância. Segundo, os adolescentes começam a passar cada vez mais tempo com os amigos, estabelecendo relações mais íntimas com companheiros de idade. Terceiro, eles definem sua identidade com mais firmeza e quarto se tornam cada vez mais capazes de raciocinar em termos de adultos sobre questões morais. Para que possam viver bem esta fase, os adolescentes precisam adotar valores e assumir compromissos. Precisam descobrir o podem fazer e se orgulhar de suas realizações. Precisam formar laços íntimos com moças e rapazes de sua idade, serem amados e respeitados pelo que são e pelo que defendem e para isso, Papalia & Olds (2000), afirmam que eles têm que descobrir o que defendem. As mesmas autoras afirmam que a busca de identidade, através da independência social e psicológica, pode ocorrer pelo desenvolvimento de seus próprios valores, pelo orgulho nas realizações e pelos relacionamentos íntimos com amigos. A interação social com os iguais é uma outra forma de garantir a identidade dos jovens. Desta forma pode-se dizer que se o adolescente está envolvido num programa de atividade física, ou dança neste caso, pode ter mais chance de ser um cidadão atuante e mais responsável. Muitos jovens por si mesmos procuram compromissos para se ocuparem, e o grau de fidelidade a esses compromissos influencia sua capacidade de resolver a crise de identidade.

Parece existir um consenso na comunidade científica acerca da definição do constructo “auto-estima”. Para Baumeister (1984) a auto-estima é a avaliação ou sentido do indivíduo acerca de sua imagem, implicando um grau de satisfação ou insatisfação consigo mesmo e para Brinthaupt

& Erwin (1992) a auto-estima tem sido definida como a positiva ou negativa atitude sobre o self, o grau de agrado ou satisfação com o self e o sentimento de valor comparado com os outros. Precisa-se ressaltar que a auto-estima, juntamente com o “eu existencial” (que ocorre durante os primeiros anos de vida, onde a criança descobre que é separada e distinta dos outros) e o “eu potencial” (onde as crianças percebem que tem características específicas), fazem parte do autoconceito das crianças e adolescentes. A auto-estima é o aspecto afetivo do autoconceito, é o valor que a criança dá às qualidades que percebe possuir, colocando um valor positivo ou negativo nas características que pensa possuir.

Neste sentido o self físico tem ocupado uma posição favorável e única no sistema do “self”, porque o corpo, através de sua aparência, atributos e capacidades, providencia um substantivo interface entre o indivíduo e o mundo que o rodeia (FOX apud BERNARDO & MATOS, 2003). Não se pode esquecer que a auto-estima evolui desde a infância até a idade adulta, mas é na adolescência que se torna diferenciada, ou seja, os vários domínios tornam-se menos relacionados entre si, porque se vai desenvolvendo com base num processo de comparações sociais, ocorrendo importantes alterações fisiológicas e psicológicas, refletindo na sua auto-percepção (LINTUNEM, 1999).

Em um de seus estudos Neto (1997) diz que a prática de atividade física ou esportiva contemporânea enquadra um novo paradigma de ação, ao explorarem o sentido do limite físico e simbólico do corpo. Desta forma, os adolescentes praticantes de dança ou outras atividades físicas e esportivas, ao adquirirem uma boa auto-estima, não temem em errar, estabelecem boas relações com os outros, sabem enfrentar melhor as dificuldades e os insucessos da vida, não dependem do juízo dos outros, se fazem respeitar e desenvolver suas potencialidades, pois demonstram mais confiança em si próprio (STROCCHI, 2003).

## **METODOLOGIA**

Este se caracterizou como sendo um estudo de campo do tipo de caso descritivo. A amostra foi constituída por 28 adolescentes de 13 a 17 anos de ambos os sexos, praticantes de dança parafolclórica do Colégio Madre Francisca Lampel do município de Gaspar (SC - Brasil) e 20 adolescentes praticantes de dança de salão de competição da academia Promenade da cidade do Porto (Portugal). Utilizou-se 1 formulário estruturado destinado aos praticantes de dança parafolclórica e de dança de salão de competição: caracterização pessoal e auto-estima (Stobaus, 1983). Os dados foram coletados pelo pesquisador e de forma individual, com os praticantes de dança parafolclórica, após submissão e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisas em Seres Humanos do CEFID – UDESC, autorização dos pais e Colégio para aplicação dos testes e realização do estudo no Brasil e em Portugal após solicitação de trabalho da disciplina de Análise do Comportamento do Bailarino e autorização da professora responsável pelas aulas de dança de salão. Os dados quantitativos foram analisados mediante a estatística descritiva (distribuição de frequências absolutas e medidas de tendência central) utilizando a escala de Likert, e os qualitativos através da análise do conteúdo, e apresentadas em forma de tabelas e figuras para melhor análise e compreensão. Utilizou-se o formulário de entrevista estruturada de auto-estima, Stobaus (1983): Este é constituído por 50 questões fechadas com base na seguinte escala. A pontuação seguirá a grade de apuração: (p – progressivo; r – regressivo)

Perguntas referentes à “auto-estima” e sua contagem de pontos:

4 (p), 5 (p), 6 (p), 7 (p), 9 (p), 12 (r), 17 (p), 20 (p), 22 (p), 25 (p), 27 (r), 29 (p), 31 (p), 32 (p), 34 (r), 37 (p), 39 (p), 42 (p), 43 (p), 46 (p), 47 (p), 48 (p), 50 (p). A contagem de pontos será feita levando-se em conta estas duas sequências: Exemplo: pergunta nº 1 (progressivamente). Se o estudante marcou na primeira coluna (sim) obtém 1 ponto. Para classificar a auto-estima foi estabelecido um ponto de corte a partir da multiplicação do total de questões de auto-estima (23) pelos maiores escores do questionário (4 e 5) para verificar se a auto-estima está alta. Para verificar a média auto-estima multiplicou-se o total de questões de auto-estima (23) pelo escore médio do questionário (3),

e desta forma os valores abaixo disto, demonstram a baixa auto-estima dos praticantes no quadro a seguir.

Quadro 1 - Ponto de corte da Auto-estima

Auto-Estima	Ponto de Corte
Alta	92 a 115 pontos
Média	69 a 91 pontos
Baixa	23 a 68 pontos

A fim de responder os objetivos do estudo, resolveu-se utilizar as questões referentes a auto-estima.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como primeiro objetivo proposto nesse estudo foi caracterizado o perfil dos praticantes de dança parafolclórica do Colégio Madre Francisca Lampel (Brasil) e dos bailarinos de dança de salão de competição da Academia Promenade (Portugal), cujos resultados seguem na Figura 1.

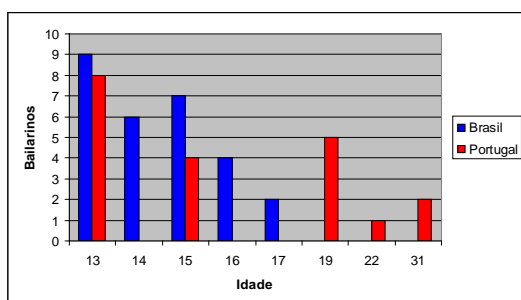
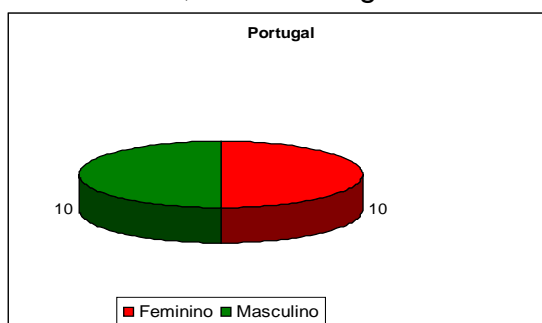
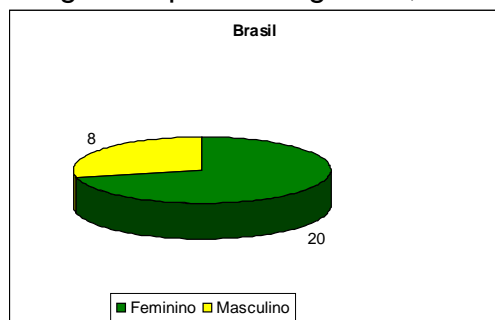


FIGURA 1 – Idade dos praticantes de dança parafolclórica e dança de salão

Verificou-se que a faixa etária dos praticantes de Dança Parafolclórica varia de 13 a 17 anos, sendo que a maior parte da amostra (n=22) se encontra na faixa de 13 a 15 anos, enquanto os praticantes de Dança de Salão a faixa etária varia de 13 a 31, sendo que a maior parte da amostra (n=17) se encontra na faixa de 13 a 19 anos.

No que diz respeito ao gênero, verificou-se que a grande parte da amostra dos praticantes de dança parafolclórica são do sexo feminino (n=20) e uma menor parte é do sexo masculino (n=8), caracterizando um grupo heterogêneo quanto ao gênero, em oposição aos praticantes de dança de salão, que por ser dançada em pares apresenta-se como sendo homogênea quanto ao gênero, sendo 10 de cada sexo, conforme figura 2 e 3.



## FIGURA 2 e 3 – gênero dos praticantes de dança parafolclórica e dança de salão

De forma a enriquecer a análise dos resultados, procurou-se verificar quais eram as aspirações futuras dos sujeitos praticantes de dança parafolclórica e que de acordo com a Tabela 1, a maioria (n=9) almeja em ter saúde, estudar e trabalhar, já uma outra parte significativa (n=7) pretende constituir família e outros (n=5) também almejam estudar, trabalhar mas pretendem ser independentes. Alguns dos praticantes (n=2) ainda não pararam para refletir apenas almejam por enquanto concluir estudos, e ainda o mesmo número de praticantes (n=2) pretende trabalhar na área em que estiver estudando.

**TABELA 1- Aspirações futuras dos praticantes de dança parafolclórica**

<b>Aspirações Futuras</b>	<b>f</b>
Estudar, Trabalhar na área de estudo e ser independente	5
Ter saúde, estudar e trabalhar	9
Felicidade e descobrir o que cursar	1
Família, ser feliz e sucesso profissional	2
Trabalhar, estudar e constituir família	7
Trabalhar na área de estudos	2
Concluir estudos	2
<b>Total</b>	<b>28</b>

**Tabela 2- Aspirações futuras dos praticantes de dança de salão**

<b>Aspirações Futuras</b>	<b>f</b>
Tornar-se Bailarino Profissional	7
Bailarino de sucesso e carreira profissional	2
Bom futuro	2
Concluir estudos universitários e ser bailarino	3
Bom futuro e concluir estudos universitários	4
Não pensaram sobre o assunto	2
<b>Total</b>	<b>20</b>

No que diz respeito aos praticantes de dança de salão, verificou-se que a maioria almeja em tornar-se bailarinos profissionais (n=7), já uma outra boa parte (n=4) pretende concluir estudos universitários e ter um bom futuro, outra parte da amostra (n=3) também pretendem ser bailarinos e concluir estudos universitários. Muitos dos praticantes de dança de salão (n=12) citaram e esperam continuar com a dança em sua carreira, enquanto na amostra dos bailarinos de dança folclórica, ninguém mencionou a dança como uma aspiração futura.

O segundo objetivo foi verificar a auto-estima dos adolescentes praticantes de dança parafolclórica e verificou-se que a maioria dos praticantes de dança parafolclórica possui a auto-estima média (n=17), uma parcela dos praticantes possui a auto-estima alta (n=5) e outra parcela possui a auto-estima baixa (n=6), correspondendo aos praticantes de dança de salão onde a maior parte da amostra (n=12) também possui a auto-estima média, uma outra parcela da amostra possui a auto-estima alta (n=6) e uma pequena parcela possuía a auto-estima baixa (n=2), conforme tabela 3.

Desta forma, Campbell apud Gallahue & Ozmur (2001) cita que o desenvolvimento da auto-estima começa no nascimento e é geralmente estabilizada na adolescência. Percebeu-se que a auto-estima da maioria dos praticantes está classificada como média, talvez pela não compreensão por parte de alguns praticantes de algumas perguntas do formulário estruturado, como por exemplo, “gostaria de ter mais êxito como estudante?”, a maioria respondeu que sim, pelo desafio natural da adolescência de se superar, e desta forma obtiveram o mínimo escore (1), bem como da pergunta “gostaria de estudar mais?”, é claro que sim, percebe-se isso pois todos citam em suas aspirações que pretendem terminar o ensino superior, mas desta forma obtiveram o escore mínimo de novo.



**Tabela 3 – Auto-estima dos praticantes de dança parafolclórica e dança de salão**

<b>Auto-Estima</b>	<b>f Brasil</b>	<b>f Portugal</b>
Baixa	6	2
Média	17	12
Alta	5	6
<b>Total</b>	<b>28</b>	<b>20</b>

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Mediante a análise dos resultados obtidos, com base nas limitações do estudo e no referencial teórico, formulou-se as seguintes conclusões: (1) A maior parte dos praticantes de dança parafolclórica encontra-se na faixa de 13 a 15 anos, sendo a maioria do sexo feminino, enquanto nos praticantes de dança de salão, a maior parte da amostra (n=17) se encontra na faixa de 13 a 19 anos, sendo igual o número de participantes masculinos e femininos. As aspirações futuras dos praticantes de dança parafolclórica giram em torno de boa educação, saúde, e sucesso profissional, enquanto a dos praticantes de dança de salão gira em torno de profissionalização em dança e conclusão dos estudos universitários. (2) Percebeu-se que a auto-estima da maioria dos praticantes de dança parafolclórica e de dança de salão está classificada como média, o que pode-se considerar normal neste período de adolescência. Baseado nestes dados, formulou-se as seguintes recomendações: - Família, escola e amigos devem incentivar os adolescentes a prática de atividade física (dança), por parecer esta, auxiliar no desenvolvimento de autonomia e auto-estima, e oportunizando a eles crescimento em ambiente rico em estímulos culturais.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- BAUMEISTER, R. **Self-esteem**. Encyclopedia of Human Behavior. San Diego: Ramachandran, 1994.
- BENJAMIM, W. **Espetacularização da cultura e refuncionalidade dos grupos folclóricos**. Série folclore. Recife, Fundação Joaquim Nabuco, 2002.
- BERGE, Y. **Viver o seu corpo**: por uma pedagogia do movimento. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- BERNARDO, R. P. S.; MATOS, M. G. Desporto aventura e auto-estima nos adolescentes em meio escolar. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**. Lisboa, Portugal, v. 3, n. 1, p. 33-46, 2003.
- BRANDEN, N. **O poder da auto-estima**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 1996.
- BRINTHAUPT, T. M.; ERWIN, L. J. **Reporting about the self: Issues implications**. In: T. M. Brinthaupt & R. P. Lipka, The self: definitional and methodological issues (p. 137-171). New York: State University of New York Press, 1992.
- COLE, M.; COLE, S. **O desenvolvimento da criança e do adolescente**. 4.ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- GALLAHUE, D. L.; OZMUR, J. C. **Compreendendo o desenvolvimento motor**: bebês, crianças, adolescentes e adultos. 1. ed, São Paulo: Phorte, 2001.
- GIFFONI, M. A. C. **Danças folclóricas brasileiras e suas aplicações educativas**. 2.ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1964.
- LINTUNEN, T. **Self-perceptions, fitness and exercise in early adolescence. A four year follow up study**. University of Jyväskylä, 1999.
- NANNI, D. **Dança Educação**: princípios, métodos e técnicas. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.
- NETO, C. Mudanças Sociais, Desporto e Desenvolvimento Humano. In: II CONGRESSO DE GESTÃO DE DESPORTO. O desporto em Portugal, opções e estratégias do desenvolvimento. **Anais...**Lisboa: Actas, 1997.

NEWCOMBE, N. **Desenvolvimento infantil**: abordagem de Mussen. 8.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W. **Desenvolvimento humano**. 7.ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PORTINARI, M. **História da Dança**. 1.ed. Rio de Janeiro: Fronteira, 1989.

RANGEL, N. B. C. **Dança, educação, Educação física**: proposta de ensino da dança e o universo da Educação Física. Jundiaí SP: Fontoura, 2002.

SANTOS, G. dos. **Os corpos que dançam na escola e seu diálogo como pensamento educacional contemporâneo**. 2000. Monografia (Especialização em Dança) – Centro de Artes, Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

SILVA, D. E. A. **Indicadores de criatividade na aprendizagem da dança com educandos de 5ª a 8ª séries**. 1997. Dissertação. Faculdade de Educação da PUC/RS, 1997.

STOBAUS, C. D. **Desempenho e auto-estima em jogadores profissionais e amadores de futebol**. 1983. Dissertação. Faculdade de Educação da PUC/RS, Porto Alegre, 1983.

STROCCHI, M. C. **Auto-estima: se não amas a ti mesmo, quem te amará?** Petrópolis: Vozes, 2003.

Marco Aurélio da Cruz Souza  
Rua João Dierchnabel, 100  
Bairro 7 de Setembro, Gaspar SC  
Cep 89110-000  
Brasil  
47 33325589  
47 91895578  
marcoarelio.souzamarco@gmail.com